

# A FENOMENOLOGIA E AS NOÇÕES DE SÍNTESE PASSIVA E DE CUIDADO NO PROCESSO TERAPÊUTICO

## THE PHENOMENOLOGY AND CONCEPTS THE SYNTHESIS PASSIVE AND CARE IN THE PROCESS THERAPEUTIC

Claudemir GOMES<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Este artigo inicialmente apresenta o método fenomenológico com ênfase na abordagem essencialista de Husserl ao referir-se sobre as noções de redução eidética e a transcendental, sobre os atos da percepção e dos níveis de consciência, o conceito de *síntese passiva*. E, ao se referir sobre a noção do cuidado no processo terapêutico, utilizar-se-á a ênfase na abordagem existencialista de Heidegger. Diversas foram as inspirações teóricas utilizadas neste artigo: as contribuições teóricas de Angela Ales Bello, os pensamentos humanistas de AmatuZZi, dos ensinamentos de Leonardo Boff sobre o Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra, e do pensador Fernandes em seu artigo sobre o Cuidado da Fenomenologia à Fenomenologia do Cuidado, e de Ana Maria Feijóo nos desafios da clínica psicológica: tutela e escolha e dos acadêmicos Guilherme Nogueira e Larissa Rodrigues Moreira<sup>2</sup> quanto ao roteiro teórico do conceito de cuidado, da Universidade Federal de Goiás.

**Palavras-Chave:** Fenomenologia. Husserl. Síntese passiva. Cuidado. Terapeuta.

**Abstract:** This article presents initially the phenomenological method with emphasis on essentialist approach of Husserl about notions of eidetic reduction and the transcendental, about the acts of perception and levels of consciousness and the concept of *passive synthesis*. When it the notion of care in the therapeutic process, it refers uses the emphasis on existential approach of Heidegger. Several theoretical inspirations were used in this article, like theoretical contributions of Angela Ales Bello, humanist thoughts of AmatuZZi, Leonardo Boff's teaching about knowing care: ethics of human being - compassion for the earth, and the thinker Fernandes in his article about care of Phenomenology to the Phenomenology of care, as well as Ana Maria Feijóo in psychological clinical challenges : guardianship and choice of academics William Nogueira and Larissa Rodrigues Moreira as the theoretical concept of care roadmap, of UFG.

**Keywords:** Phenomenology. Husserl. Passive synthesis. Care. Therapist.

---

### Introdução

Pensar a questão da metodologia fenomenológica é um trabalho árduo e necessário, pois a ascensão deste modo de pensamento é notória e tem invadido os meios acadêmicos no Brasil. Pouco se sabe e se tem acesso ao que Husserl escreveu. Sabe-se que grande parte de seus escritos permanecem em seus cadernos de rascunhos e que alguns poucos foram publicados e, destes,

---

<sup>1</sup> Docente II e Supervisor Clínico do Curso de Psicologia da Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba.  
E-mail: gomespsi41@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmicos Estudantes de Graduação em Psicologia Universidade Federal de Goiás.  
E-mail: guylhermegyn@hotmail.com

menos de dez foram traduzidos na língua nacional. Todavia, muitos artigos e livros foram escritos sobre Husserl e seu discípulo Heidegger. Neste artigo busca-se a realização de uma pequena contribuição teórica, delimitado por sua natureza. Faz-se pequenos comentários de alguns conceitos necessários à compreensão de seu pensamento, e de algum modo úteis à classe discente dos cursos de psicologia que ministram conteúdos sobre a fenomenologia essencialista e existencialista. De caráter descritivo o artigo não se preocupa em problematizar conceitos ou idéias, mas apenas preocupa-se com a elaboração clara de seu sentido buscando com isso a aprendizagem e a sua utilização nos territórios da psicologia aplicada.

## **Desenvolvimento**

Em seu livro “Introdução à Fenomenologia” (2006), Bello descreve o modo como pensava Edmundo Husserl. E sobre ele Miguel Mahfoud, afirma:

Temos à mão uma verdadeira *Introdução à Fenomenologia*. Fiel ao rigor metodológico, típico da fenomenologia essencialista. Nesse livro, a Profa. Bello nos convida a percorrer o inteiro percurso husserliano. Magistralmente, somos provocados, na contemporaneidade, a atentar ao que nos está à volta e à própria experiência interna. E, com surpresa, advertimos que, aqui, experiência vívida e reflexão sistemática podem efetivamente não estarem cindidas. A novidade é que não se apresenta apenas discursivamente uma tal possibilidade de unidade, mas somos conduzidos a reconhecer a vivência - através do método interrogativo husserliano - com surpreendente simplicidade de forma que a introdução ao campo fenomenológico, tão sofisticado, começa a nos parecer familiar, começamos a nos sentir em casa, porque começamos a atentar ao mundo mais conscientes dos próprios recursos e do próprio eu [...]. ( BELLO, 2006, p.11).

Na apresentação que faz sobre o tema a Profa. Bello discorre sobre a posição teórica de Husserl e a definição que ele dá aos conceitos de fenômeno, de fenomenologia, da metodologia essencialista que conjuga a redução eidética e a redução transcendental, sobre os atos da percepção e dos níveis de consciência. Sobre essa posição teórica, a Profa. Bello diz que a grande dificuldade que existe em quem se dispõe a estudar a fenomenologia essencialista de Husserl, está no fato de que Edmundo Husserl nunca chegou a escrever uma obra apresentando todo o seu percurso investigativo. Sobre esse aspecto, ela diz:

Seus livros são resultado de compilações de esboços de aulas ou de suas anotações pessoais. Muito de sua vasta obra, até hoje, não chegou à publicação. Como sua análise é muito detalhada, atentando com rigor para cada aspecto, ele nunca chegou a formular uma síntese geral e isso dificulta conhecer o pensamento husserliano. (BELLO, 2006, p. 13).

Com a intenção de contribuir com a explicitação investigativa, em todo o arco do processo metodológico, a Prof<sup>a</sup> Ales Bello apresenta, no seu livro, uma lista dos mais interessantes temas da fenomenologia, da qual, este artigo, seleciona apenas três, por sua conveniência de pauta, sendo eles: O que é o fenômeno e a fenomenologia enquanto método? O que é a consciência e a descrição das estruturas universais? O que representa a síntese passiva como fase anterior à percepção? Neste primeiro ponto de discussão, ela formula a questão: O que é o fenômeno e a fenomenologia? E, para respondê-las se vale do conhecimento das palavras gregas que afirmam que:

Fenômeno é *aquilo que se mostra*; não somente aquilo que *aparece* ou *parece* e “logia” que deriva da palavra *logos*, que para os gregos tinha muitos significados, tais como: palavra, pensamento. Vamos tomar *logos* como pensamento, como capacidade de refletir. Tomemos, então, fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. A Fenomenologia começou como uma escola filosófica cujo pai e mestre é E. Husserl. O seu início sistemático se deu na Alemanha, em fins do século XIX, e na primeira metade do século XX. (BELLO, 2006, p. 17-8, grifos do autor)

Ao tomar-se espontaneamente a definição de fenômeno como aquilo que se mostra e não somente aquilo que aparece ou parece, ocorre, sem que se queira, o entendimento do conceito em uma situação passível de erros, pois se dá a crença de que as coisas se mostram a nós à maneira como acontecia no antigo sistema filosófico do realismo platônico, na teoria da reminiscência. A compreensão que a Fenomenologia de Husserl sugere não é esta, pois as coisas quando se revelam a nós não o fazem como quem instigasse um determinado comportamento, mas sim mediante a compreensão que se dá no sentido de que as:

As coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra. [...] Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, porque conseguimos compreender o sentido. Entretanto o fato de se mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido”. (BELLO, 2006, p. 18-9)

Esse é o detalhe mais importante que se revela no fenômeno: o seu sentido. Esta é a meta das pessoas que buscam o significado ou o sentido daquilo que se mostra. É a missão de quem pensa nos dias de hoje: buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso etc, que se mostram a nós.

O nosso problema é: o que *é* que se mostra e como se mostra. Quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana. Isso tem grande importância [...] mais do que dizer “as coisas se mostram”, precisamos dizer que “percebemos, estamos voltados para elas”, principalmente para aquilo que aparece no mundo físico. (BELLO, 2006, p. 18)

E, implicado nessa discussão metodológica, se apresenta, no esforço compreensivo da fenomenologia essencialista de Husserl, um quê de positivismo superior ou de cientificismo. O rigor da análise que Husserl emprega na discriminação do sentido e de seus atos constitutivos o faz fazer ciência e a acreditar na essência como pressuposto a priori do comportamento. Nesse sentido, afirma a Prof<sup>a</sup> Bello:

[...] para compreender o sentido, nós devemos fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo imediatamente, que consiste em identificar o sentido, os fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta a nós. (BELLO, 2006, p. 19)

Sobre o método fenomenológico Husserl diz que ele é um caminho formado de duas etapas: na primeira, a *busca do sentido dos fenômenos: a redução eidética*, e na segunda, *a redução transcendental*, que tratará como é o sujeito que busca o sentido. As duas etapas falam da compreensão do sentido das coisas. É óbvio que para algumas coisas, a apreensão do sentido não é complicada, pois este se revela na própria função da coisa enquanto objeto. Todavia, para tantas outras, cresce, e muito, a complexidade da apreensão do sentido. Nesse sentido, Bello cita a fala de Husserl sobre esse tema, dizendo:

Husserl afirma que para o ser humano é muito importante compreender o sentido das coisas, mas nem todas as coisas são imediatamente compreensíveis. De qualquer modo, compreender o sentido das coisas é uma possibilidade humana. Como o que nos interessa é o sentido das coisas, deixamos de lado tudo aquilo, que não é o sentido do que queremos compreender, e buscamos, principalmente, o sentido. (BELLO, 2006, p. 21)

Nesse aspecto, compreende-se a Redução Eidética como o processo de contenção dos processos cognitivos e/ou mentalistas que se apresentam espontaneamente no exercício interferindo na busca compreensiva. É a necessária redução, a busca do caráter mínimo, a discriminação deliberada sobre o que importa saber e sobre o que não se faz relevante saber. É a opção pela busca do sentido, e não dos fatos que aparecem junto às coisas. Mas como identificar o sentido? Daí a necessidade de se reduzir o que aparece, o que se deixa ver, para sentir o que dá sentido àquilo que aparece, e que se mostra a nós. Sobre a Redução Eidética, a prof<sup>a</sup> Bello afirma:

Nós intuímos o sentido das coisas, e para tratar desse tema, usamos a palavra, de origem latina, *essência*, portanto captamos a essência pelo sentido. Husserl usa também a palavra grega *eidos* (de onde vem a nossa palavra *ideia*, que neste caso não significa tanto um produto da mente, mas sentido), aquilo que se capta, que se intui. Façamos uma experiência semelhante às que Husserl propõe: alguém bate a mão sobre a mesa, identifico logo que é um som. Todos nós identificamos esse som. Como o fazemos? Imediatamente, intuitivamente. Escutamos qualquer coisa e dizemos “é um som”. Sempre o fazemos assim [...] somos capazes de intuir, isto é, colocar em perspectiva a essência, o sentido da coisa. Esse é um exemplo de uma coisa física, porém alguém poderia dizer “sinto ódio” ou “sinto dor” e nós sabemos do que se trata, podemos até fazer uma análise para explicar qual o sentido pois sabemos, imediatamente, qual é a experiência de ódio ou de dor e até poderíamos nos dedicar a fazer uma análise para compreendê-las melhor, justamente por já

conseguirmos partir de um ponto essencial [...] Husserl afirma que o que nos interessa é o sentido das coisas, é o sentido do que queremos compreender e buscamos, principalmente, o sentido. (BELLO, 2006, p. 22-3, grifos do autor).

A Redução Transcendental, a segunda etapa do processo, se configura como básica para responder por que o ser humano busca o sentido. Esse é o lugar da análise do homem, a reflexão sobre o sujeito que reflete. A redução fenomenológica permite ao homem dizer quem ele é. A novidade de Husserl, diz Bello, é que a análise do sujeito humano se constitui no ponto de partida de sua investigação. Aqui começa uma análise do ser humano ou do *sujeito*. Para dar um exemplo dessa categoria de reflexão, Bello (2006, p. 27), destaca o seguinte exemplo:

Na segunda etapa do método fenomenológico, é, justamente, sobre o sujeito que se faz uma reflexão. Refletimos dizendo quem somos nós [...] Para realizar a análise do sujeito faremos um exercício, começamos por dizer que estamos diante de um copo d'água. Vemos, sobre a mesa, o copo que antes já estava lá, podíamos vê-lo, mas não tínhamos prestado atenção nele. Esta é uma coisa interessante que apresenta dois níveis. Antes víamos os copos-, mas não fazíamos uma reflexão, talvez porque não estivéssemos com sede. Agora, tenho sede e começo a prestar atenção. Estamos refletindo um pouco sobre o tema do “ver o copo”. Antes estávamos cômicos, sabíamos ter visto o copo sem ter feito uma reflexão a respeito. Todos nós tínhamos já uma *experiência perceptiva* do copo, que estava em nós, dentro de nós, mas o copo, fora. Porém, no momento em que tivemos uma experiência perceptiva do copo, ele estava também dentro de nós. De que modo estava dentro? Nós sabíamos que o copo existia, portanto estar dentro significa saber que o copo existe. Enquanto estávamos vivendo o *ato perceptivo* (o ato de ver o copo), poderíamos perguntar do que esse ato era formado. Sabemos que esse ato perceptivo era formado pelo ver o copo e também pelo copo, ali, diante dos olhos. Enquanto coisa física, enquanto existente, onde estava o copo? Estava fora. Porém, enquanto visto, onde estava? Dentro. Temos aí, o ato de ver, e enquanto vivemos o ato, estamos vivendo o copo - visto dentro de nós [...] Agora, estamos entrando no território do ser humano, no território do conhecimento, da consciência que um ser humano pode ter das coisas - frequentemente estudado pela Filosofia, e continuando temos caminhos que também são estudados pela Psicologia. (grifos do autor)

Nesse sentido puramente essencialista, é que Husserl se vale dos estudos feitos sobre a Percepção na perspectiva de compreender melhor como se dá o conhecimento humano. Chega até mesmo a afirmar que é, por meio da percepção, que se entra em contato com o mundo físico que é percebido através das sensações. A percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para o sujeito, ou seja, uma compreensão de como o ser humano é feito. Na análise feita sobre o copo, falou-se da percepção como um ato que se está vivendo, porém, nem todo ato que se vive, que se pode identificar, é de caráter psicológico, por isso a análise se torna muito refinada e requer uma atenção especial. Desse modo, vai-se construindo a maneira essencialista husserliano de pensar o conhecimento como um dispositivo na formação do humano. Bello (2006, p. 31) utiliza, nessa construção, os conceitos da visão e a do tato qualificando-os como sensações que são vividas por nós, pois as registramos por meio da nossa capacidade de dar-nos contas de algo que acontece conosco. Adentrando em um terreno de muita complexidade teórica, Bello se permite, por inspiração metodológica, fazer uma comparação entre os atos da percepção – o dar-nos conta – e o ato da consciência de algo. Esse é um terreno perigoso e complexo porque a última coisa que se

poderia pensar nesse momento é o da produção de um paralelismo sem nexos, criando para a consciência um território e uma função complementar. Quando Bello sugere a comparação isso se faz para dizer que a consciência não existe em si, mas que é simultaneamente um dispositivo que acontece no processo da percepção, como quem emerge para agregar ao objeto da intenção o seu equivalente e significado, deixando-os logo em seguida ao encargo do pensamento, e que esse sim é o caminho de acesso ao ser, ao sujeito do conhecimento. Bello ainda destaca a compreensão da junção entre os conceitos citados da consciência e da percepção afirmando que isso só acontece pela capacidade que o ser humano tem de saber o que faz. E de que isso é uma condição superior, quando comparada aos animais, sobre tudo quando favorecida pelo imenso desenvolvimento do humano. Ales Bello (2006, p. 32) cita Husserl sobre esta questão:

Aqui está a novidade, pois Husserl diz que o ser humano tem a capacidade de ter consciência de ter realizado esses atos, enquanto ele está vivendo esses atos, sabe que os está realizando. Sabe que está realizando esses atos na relação com algo que está vendo ou tocando [...] ver e tocar são *vivências*, e se são vivências, quer dizer que são registradas por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências. Consciência, neste caso, não quer dizer que a cada momento nós temos que dizer “agora estamos vendo, agora estamos tocando”. Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que, enquanto tocamos, nos damos conta de tocar. (grifos do autor)

E sobre isso, Bello (2006, p. 33-4) destaca os níveis de consciência perguntando sobre esse novo ato, que é o refletir, e de que tipo é essa vivência. Para tanto, sugere a existência de dois tipos de consciência: a de primeiro grau, que acontece nos atos perceptivos com ênfase nos processos corpóreos e psicológicos, e a consciência de segundo grau produzida nos atos reflexivos com ênfase nos processos psicológicos e espirituais. Numa rápida comparação, entre um cão e um gato que se veem e se tocam, sabe-se que eles possuem a consciência do primeiro grau – a perceptiva, que é corpórea e psicológica, pois eles são capazes de sentir, mas que não possuem a consciência do segundo grau – a reflexiva, pois esse grau apenas pertence ao homem porque tem a capacidade de se dar conta do que está vivendo. Ele sabe que sabe, sente que sente, sabe que está vivendo. Para ampliar a noção do essencialismo husserliano, Bello (2006, p. 33-4) ilustra a noção dos atos perceptivos como pressuposto à consciência que temos de sermos corpo, psique e espírito. Assim descreve Bello:

Voltemos ao copo de nosso experimento. Nós o vemos, o sentimos, o utilizamos, por quê? Porque temos sede. Que tipo de ato é a sede? É um impulso. Nós sentimos alguma coisa interiormente, que nos impulsiona a pegar o copo e a beber. Esse impulso, não é o ato de beber, ou o ato de tocar, e nem o ato de refletir, é um outro ato. Em geral, o impulso em direção a alguma coisa é registrado por nós, pois temos consciência do impulso e queremos vivê-lo. E o que fazemos? Buscamos alcançar o copo. Pode ser que alguém próximo do mesmo copo d'água tenha o mesmo impulso de beber, mas não chega a pegar o copo sobre a mesa. Por quê? Existe um controle muito semelhante ao ato da reflexão (É justo não poder beber?). Podemos dizer que existe uma regra social ligada a um controle, trata-se de

um ato que não é o do ver ou o de tocar, nem o do impulso que mais se assemelha ao ato de refletir. Todos esses atos que identificamos têm características diversas, qualidades diversas. Podemos pensar que existe uma dimensão do ter consciência (não uma dimensão física) sob a qual nós registramos: é um *setting* de registro dos atos. De quais atos? De todos os que nós estamos realizando, atos que são ligados ao mundo externo e ao mundo interno. Retomemos toda a análise feita na dimensão do ver e do tocar, o objeto é externo, mas o impulso de ir beber é interno. Agora, onde nós percebemos o ato interno, o impulso e o ato externo perceptivo? Sempre nessa dimensão da consciência. A consciência é a dimensão com a qual nós registramos os atos. O registro é um terreno novo, e ao identificarmos nesse terreno os atos vividos por nós, percebemos que tudo aquilo que vivemos passa através desse terreno.

Todavia, Bello, no sentido da ampliação compreensiva dos atos, identifica outros atos que não são de caráter psíquico, como o impulso de beber, nem de caráter corpóreo porque o corpo nos manda a mensagem de beber, mas não pegamos o copo. Portanto, podemos controlar o nosso corpo e a nossa psique. Diz ela:

Estamos registrando o ato de controle, mas este não é de ordem psíquica nem de ordem corpórea, e nos faz entrar numa outra esfera a que os fenomenólogos chamam de esfera do *espírito* [...] que é a parte que reflete, decide, avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, que é assim chamada de *espírito*. Examinando os atos, a começar pelo registro dos atos podemos chegar à estrutura do ser humano. Somos corpóreo-espírito, como dimensão. (BELLO, 2006, p. 39, grifos do autor).

É desse modo que se pode entender a metodologia de Husserl, o seu jeito essencialista de pensar. Sua decisão em fazer ciência está justamente neste processo onde se busca saber como o mundo se tornou um modo de ser em nós. Como o fora se tornou dentro. Qual é a sua história? Quando e como acontece isso? A implicação revolucionária disso na tessitura e na constituição do humano. Sabe-se que a maior preocupação é com a essência, em ser ela ou não o elemento captador e formatador interno das possibilidades compreensivas do fora, em saber como se dá o humano e a partir de que ele é tecido, constituído, produzido, ou seja: qual é sua essência, do que ele é feito? Por isso a sua determinação com a busca do sentido, pois essa é a materialidade com a qual se descobre do que é feito o homem e não simplesmente pelo fato dele existir. Sua ideia é que se deve colocar entre parênteses a existência dos fatos. O copo diante de mim é um fato, mas não interessa tanto que ele esteja aqui, e sim o que ele é, o problema do sentido. (BELLO, 2006, p. 93). É óbvio dizer que Husserl não nega a existência das coisas ou dos fatos, mas que se refere à existência como fato positivista. Porque ele não diz que não existe, apenas não quer levar em consideração a existência como factualidade. Quem vai afirmar a existência, como pressuposto da essência, é Heidegger.

## **A Síntese Passiva**

A prof<sup>a</sup> Bello ao comentar o tema, cita Husserl na sua melhor definição de síntese passiva,



dizendo:

Tomamos o sentido dos atos, falamos da percepção, de atos que já temos consciência. São atos dos quais nós somos cômicos ainda que não tenhamos feito uma reflexão sobre eles. Entretanto, Husserl diz que existe um caminho anterior à percepção, que ele chama de *síntese passiva*. Ou seja, nós reunimos elementos sem nos darmos conta de que o estamos fazendo. Podemos dizer, por exemplo, que tínhamos a percepção do copo, mas para isso tivemos de exercitar algumas operações anteriormente (a distinção entre um objeto e outro, entre o copo e a toalha). Trata-se de operações que estabelecem continuidade e descontinuidade, homogeneidade e heterogeneidade. Para apreender o objeto em sua unidade devemos estabelecer relações de continuidade e de descontinuidade, de homogeneidade consigo mesmo e de heterogeneidade para com outros objetos [...] Não nos damos conta de operar tudo isso precedentemente à percepção, pois são operações que cumprimos num nível passivo, somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa. Há um artigo significativo de Husserl sobre a *síntese passiva* em que ele fala sobre a existência de níveis mais profundos, e que à consciência aparece somente a percepção do já constituído, ela registra os níveis mais altos desses processos [...] Quando Husserl trata dos níveis passivos, não está dizendo que os vivemos passivamente. Analiticamente compreendemos que já demos aqueles passos, tornaram-se nossos, não pudemos deixar de fazê-los, e é a essa passividade a que Husserl se refere. Quando conseguimos descrever o processo, sabemos o que operamos no nível passivo. Esse é um ponto sutil no trabalho de análise de Husserl. Considerando todo o arco do processo reflexivo husserliano, podemos dizer que entramos no nível da consciência através da percepção, mas existe também um nível passivo, que pode ser objeto de uma “escavação”. (BELLO, 2006, p. 57-61)

Husserl afirma como quem sugere que existe *um* caminho anterior à percepção, que ele chama de *síntese passiva*. Ou seja, nós reunimos elementos sem nos darmos conta de que o estamos fazendo. Essas afirmações bastam para que se reconheça a complexidade do humano em sua função de manter-se presente ou ligado à vida. A vida como legado antigo da inteligência do organismo que teceu e formatou no corpo a sua própria história. Que esse corpo, que é novo por ser contemporâneo de si mesmo, tem o tamanho da própria história da vida no mundo, pois nele se encontram inscritos todos os processos da funcionalidade e da constituição, inventando órgãos e procedimentos para dar conta de sua própria manutenção e preservação no tempo e nos espaços onde se encontrava a vida. Um corpo que aprendeu a imaginar, que buscou nas suas tessituras nervosas a quantidade certa de energia para que se pudesse prender o estímulo ao corpo e, assim fazendo, conseguisse mantê-lo suspenso tanto no seu sentido ou significado quanto na sua imagem. Síntese passiva é o repertório dessa historicidade do corpo. Dos sentidos tomados das vivências nas situações e nas circunstâncias e de tudo quanto se fez cenário. Tem-se no corpo um abundante arquivo de tudo quanto se fez circunstância e que tocou e formou os sentidos e deu a esses a competência da identificação e reconhecimento. Figura e fundo, cenário e personagem, ator e palco, tudo está registrado com a devida discriminação das partes que compõem esse todo. É síntese passiva, é sentido da complementaridade, como quem monta um cenário conseqüente e correspondente ao objeto tomado pela consciência, pois como diz Husserl: para apreender o objeto em sua unidade devemos estabelecer relações de continuidade e de descontinuidade, de homogeneidade consigo mesmo e de heterogeneidade para com outros objetos. Entretanto, a



melhor expressão da implicação da Síntese Passiva no cotidiano está na expressão que Husserl usa para comentá-la: não nos damos conta de operar tudo isso precedentemente à percepção, pois são operações que cumprimos num nível passivo, somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa. Esse último comentário de que somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa dá a natureza mais complexa deste conceito. Pois a partir dele é possível de se fazer vários desdobramentos conceituais indicando ao corpo a sua primazia na produção dos sentidos tomados pelo próprio corpo. É o triunfo da essência sobre a existência. O comportamento, nesse modo de pensar, seria a representação daquilo que o corpo pode fazer e fez a partir do que lhe tocou os sentidos e que pedia processamento. A síntese passiva seria como um cenário que dá sentido ao personagem e o faz existir em seu sentido maior, mais pleno, até mesmo porque o personagem é antes de tudo uma síntese que o corpo, em si mesmo, se mostrou competente tanto na produção quanto na representação. Esse conceito pode ser aplicado em diversos contextos. Na aplicação que a psicologia faz de seus conteúdos para entender as relações humanas, que se identifica com a psicoterapia, entende-se por síntese passiva a possibilidade que o corpo tem de sentir e compreender o outro a partir de seus relatos e demandas. Pois toda compreensão acontece antes no corpo e por meio dele pode ser sentido e depois pensado. Por que o homem é capaz de sentir alguma coisa a partir das situações que constituem o relato de outra pessoa? A síntese passiva, que antes de tudo é o próprio corpo em sua historicidade, é extensiva ao que fala e ao que ouve. Ela produz o sentido em sua condição homogênea, pois os corpos trazem as mesmas bases orgânicas de registro das situações vividas e de seus sentidos equivalentes.

### **A questão do cuidado no processo terapêutico**

Quando se diz que o terapeuta deva ser um profissional do cuidado, diz-se de um pleonasma, pois terapeuta e cuidado se equivalem em suas naturezas. E quem é o terapeuta se não alguém que se tornou um ser humano pleno. Capaz de cuidar de si, do seu cuidado, do cuidado do outro, do outro e do lugar onde se insere. Esse lugar pode ser tanto a sua casa quanto o mundo representado em cada circunstância e situação. Um destaque se faz na ação cuidadora que o homem exerce: ele é alguém que busca proteger sempre o mais fraco, o mais necessitado, o mais frágil, o incapaz, o inocente... Daí se terem tantas leis que disciplinam e punem a ação de tantos que não se ajustam a esse princípio sobre os outros. O ser humano tem em sua raiz primordial o cuidado e este é quem o norteia durante a sua vida, não é ele que tem o cuidado, mas é o cuidado que o tem (BOFF, 1999). Nesse sentido, o cuidado deve ser visto como uma atitude de responsabilização e de envolvimento afetivo com o ente. Nesse aspecto, podem-se distinguir dois modos de cuidado: ocupação (Besorgen) e preocupação (Fürsorge), que, segundo Heidegger, assim se caracterizam:

O primeiro modo refere-se ao cuidado no mundo e relacionado com o mundo dos entes simplesmente dados, sua expressão está no ser-aí ao relacionar-se com outras pessoas. A preocupação seria o cuidado com os seres deste mundo que se relacionam constantemente, é o cuidar propriamente dito, direcionado à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa (HEIDEGGER, 2001).

Comentando sucintamente a contribuição de Heidegger pode-se dizer que a *preocupação* pode ser dividida em dois modos: substituição e anteposição. Na substituição o ser se coloca no lugar do outro e tende a substituí-lo, e assim irá resolvendo os obstáculos e as dificuldades dele. Nesse processo, destaca Fernandes, é retirado do outro a sua responsabilidade, colocando-o à parte e, assim, realizando por ele o que ele não pode ou consegue fazer sozinho. Na anteposição o outro se antepõe ao ser, colocando-se a sua frente para devolvê-lo ao cuidado de si mesmo e deixando-o diante das suas próprias possibilidades existências; nessa situação o outro é remetido para a responsabilidade do ser, ajudando este a tornar-se, em seu cuidado, compreensível para si mesmo e livre para o seu cuidado, para suas ocupações. (FERNANDES, 2011).

Nesse sentido a clínica psicológica “devolve ao homem o cuidado por sua existência, ou seja, à sua própria tutela” e no exercício da clínica fenomenológico-existencial o clínico acolhe o outro como ele se mostra, suspendendo todos os esclarecimentos prévios, inclusive diagnósticos (FREJOO e PROTASIO, 2010).

## **Conclusão**

Este artigo acadêmico teve como finalidade a explicitação de conceitos que são utilizados no cotidiano das aulas dos cursos de psicologia da Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba. Ele buscou caracterizar o método fenomenológico em seus principais dispositivos de aplicação à psicologia, sendo eles: o conceito de fenômeno, de fenomenologia, das técnicas redutivas Eidética e Transcendental, do conceito de percepção e de consciência. Em seu segundo ponto, procurou descrever as noções de Husserl sobre a síntese passiva e de suas implicações no trabalho terapêutico. Para encerrar o texto descreve algumas noções sobre o lugar do terapeuta no processo do cuidado, indicando suas características principais.

## **Referências**

BELLO, A. A. **Culturas e religiões**: uma leitura fenomenológica. Trad. de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998.

BELLO, A. A. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Organização e tradução de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusp, 2004.

BELLO, A. A. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru-SP : Edusc, 2006. 108p. (Coleção Filosofia e Política).

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREJOO, A. M. L. C. de; PROTASIO, M. M. **Os desafios da clínica psicológica**: tutela e escolha. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 16, n. 2, p.167-172, dez. 2010.

FERNANDES, M. A. Do cuidado da fenomenologia à fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia do Cuidado e do Cuidar** : perspectivas multidisciplinares. Curitiba: Juruá Editora, 2011. p. 17-32.

HEIDEGGER, M.. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HUSSERL, E. *Lezioni sulla fenomenologia*. Traduzione di V. Costa. Milano: Guerini, 1993. (Originals de 1918-1926 publicados em 1966). Cf. também GHIGI, N. A hiletica na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, 4, p. 48-60, 2003. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghigi01.htm>>.